

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IX

MAIO DE 1866

Nº 5

Deus Está em toda parte

Como é que Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, pode imiscuir-se em detalhes ínfimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo? Tal é a pergunta que muitas vezes se faz.

Em seu estado atual de inferioridade, só dificilmente os homens podem compreender Deus infinito, porque eles próprios são finitos, limitados, razão por que o imaginam finito e limitado como eles mesmos; representando-o como um ser circunscrito, dele fazem uma imagem à sua semelhança. Pintando-o com traços humanos, nossos quadros não contribuem pouco para alimentar este erro no espírito das massas, que nele mais adoram a forma que o pensamento. É para o maior número um soberano poderoso, sobre um trono inacessível, perdido na imensidade dos céus, e porque suas faculdades e percepções são restritas não compreendem que Deus possa ou haja por bem intervir diretamente nas menores coisas.

Na incapacidade em que se acha o homem de compreender a essência mesma da Divindade, desta não pode fazer

senão uma idéia aproximada, auxiliado por comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que podem, ao menos, mostrar-lhe a possibilidade do que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos. É evidente que cada molécula desse fluido produzirá sobre cada molécula da matéria com a qual está em contato uma ação idêntica à que produziria a totalidade do fluido. É o que a Química nos mostra a cada passo.

Sendo *ininteligente*, esse fluido age mecanicamente apenas pelas forças materiais. Mas se supusermos esse fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade; verá, ouvirá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual dele podem dar-nos uma idéia. Ele não é inteligente por si mesmo, desde que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito. É em consequência da sutileza desse fluido que os Espíritos penetram em toda parte, perscrutam os nossos pensamentos, vêem e agem a distância; é a esse fluido, chegado a um certo grau de depuração, que os Espíritos superiores devem o dom da ubiqüidade; basta um raio de seu pensamento dirigido para diversos pontos para que eles possam aí manifestar sua presença simultaneamente. A extensão dessa faculdade está subordinada ao grau de elevação e de depuração do Espírito.

Mas sendo os Espíritos, por mais elevados que sejam, criaturas limitadas em suas faculdades, seu poder e a extensão de suas percepções não poderiam, sob esse aspecto, aproximar-se de Deus. Contudo, eles nos podem servir de ponto de comparação. O que o Espírito não pode realizar senão num limite restrito, Deus, que é infinito, o realiza em proporções infinitas. Há, ainda, esta

diferença: a ação do Espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias, enquanto a de Deus é permanente; o pensamento do Espírito só abarca um tempo e um espaço circunscritos, ao passo que o de Deus abarca o Universo e a eternidade. Numa palavra, entre os Espíritos e Deus há a distância do finito ao infinito.

O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento. Como é o fluido que o transmite, dele está, de certo modo, impregnado; e na impossibilidade em que nos achamos de isolar o pensamento, ele não parece fazer senão um com o fluido, assim como o som parece ser um com o ar, de sorte que podemos, a bem dizer, materializá-lo. Do mesmo modo que dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido tornasse inteligente.

Seja ou não seja assim o pensamento de Deus, isto é, quer ele aja diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilitar a nossa compreensão vamos representar este pensamento sob a forma concreta de um fluido inteligente, enchendo o Universo infinito, penetrando todas as partes da Criação: a Natureza inteira está mergulhada no *fluido divino*; tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude; nenhum ser, por mais ínfimo que seja, que dele não esteja, de certo modo, saturado.

Assim, estamos constantemente em presença da Divindade. Não há uma só de nossas ações que possamos subtrair ao seu olhar; nosso pensamento está em contato com o seu pensamento e é com razão que se diz que Deus lê nos mais profundos recônditos do nosso coração; *estamos nele como ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo. Para entender sua solicitude sobre as menores criaturas, ele não tem necessidade de mergulhar seu olhar do alto da imensidade, nem deixar *sua morada de glória*, pois

essa morada está em toda parte. Para serem ouvidas por ele, nossas preces não precisam transpor o espaço, nem serem ditas com voz retumbante, porque, incessantemente penetrados por ele, nossos pensamentos nele repercutem.

A imagem de um fluido inteligente universal evidentemente não passa de uma comparação, mais própria a dar uma idéia mais justa de Deus que os quadros que o representam sob a figura de um velho de longas barbas, envolto num manto. Não podemos tomar nossos pontos de comparação senão nas coisas que conhecemos; é por isto que dizemos diariamente: o olho de Deus, a mão de Deus, a voz de Deus, o sopro de Deus, a face de Deus. Na infância da Humanidade o homem toma estas comparações ao pé da letra; mais tarde seu espírito, mais apto a apreender as abstrações, espiritualiza as idéias materiais. A de um fluido universal inteligente, penetrando tudo, como seria o fluido luminoso, o fluido calórico, o fluido elétrico ou quaisquer outros, se fossem inteligentes, tem o objetivo de fazer compreender a possibilidade, para Deus, de estar em toda parte, de ocupar-se de tudo, de velar pelo pé de erva como pelos mundos. Entre ele e nós a distância foi suprimida; compreendemos sua presença, e este pensamento, quando a ele nos dirigimos, aumenta a nossa confiança, porque não podemos dizer mais que Deus esteja muito longe e seja muito grande para se ocupar de nós. Mas este pensamento, tão consolador para o humilde, para o homem de bem, é terrível para o mau e para o orgulhoso endurecidos, que a ele esperavam subtrair-se em favor da distância, e que, doravante, sentir-se-ão sob o domínio de seu poder.

Para o princípio da soberana inteligência, nada impede admitir um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar, inundando o Universo com os seus eflúvios, como o Sol com a sua luz. Mas onde está esse foco? É provável que não esteja mais fixado num ponto determinado do que a sua ação. Se simples Espíritos têm o dom da ubiqüidade, em Deus esta faculdade não

deve ter limites. Enchendo Deus o Universo, poder-se-ia admitir, a título de hipótese, que esse foco não necessita transportar-se, e que *se forme* em todos os pontos onde sua soberana vontade julgue conveniente produzir-se, donde se poderia dizer que está em toda parte e em parte alguma.

Diante desses problemas insondáveis, nossa razão deve humilhar-se. Deus existe: é indubitável; é infinitamente justo e bom: é sua essência; sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos agora; incessantemente em contato com ele, podemos orar a ele com a certeza de sermos ouvido; ele não pode querer senão o nosso bem, razão por que devemos confiar nele. Eis o essencial; para o resto, esperemos que sejamos dignos de o compreender.

A Visão de Deus¹²

Se Deus está em toda parte, por que não o vemos? Vê-lo-emos quando deixarmos a Terra? Também são perguntas que se formulam todos os dias.

A primeira é fácil responder. Por serem limitadas as percepções dos nossos órgãos visuais, elas os tornam inaptos à visão de certas coisas, mesmo materiais. Alguns fluidos nos fogem totalmente à visão e aos instrumentos de análise. Vemos os efeitos da peste, mas não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos em movimento sob a influência da força de gravitação, mas não vemos essa força.

Os nossos órgãos materiais não podem perceber as coisas de essência espiritual. Unicamente com a visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial. Somente a nossa alma, portanto, pode ter a percepção de Deus.

12 N. do T.: Vide *A Gênese*, capítulo II, itens 31 a 37.

Dar-se-á que ela o veja logo após a morte? A esse respeito, só as comunicações de além-túmulo nos podem instruir. Por elas sabemos que a visão de Deus constitui privilégio das mais depuradas almas e que bem poucas, ao deixarem o envoltório terrestre, se encontram no grau de desmaterialização necessária a tal efeito. Algumas comparações vulgares o tornarão facilmente compreensível.

Uma pessoa que se ache no fundo de um vale, envolvido por densa bruma, não vê o Sol. Entretanto, pela luz difusa, percebe que está fazendo sol. Se se dispõe a subir a montanha, à medida que for ascendendo, o nevoeiro se irá tornando mais claro, a luz cada vez mais viva. Contudo, ainda não verá o Sol. Quando começa a percebê-lo ainda está velado, pois basta o mais leve vapor para enfraquecer o seu brilho. Só depois que se haja elevado acima da camada brumosa e chegado a um ponto onde o ar esteja *perfeitamente límpido*, ela o contemplará em todo o seu esplendor.

Dá-se outro tanto com aquele que tivesse a cabeça envolta por vários véus. A princípio não vê absolutamente nada; a cada véu que se retira, distingue um clarão cada vez mais nítido; apenas quando desaparece o último véu é que percebe as coisas claramente.

Também se dá o mesmo com um licor carregado de matérias estranhas; de começo fica turvo; a cada destilação sua transparência aumenta até que, estando completamente depurado, adquire perfeita limpidez e não apresenta nenhum obstáculo à visão.

Assim é com a alma. O envoltório perispirítico, conquanto nos seja invisível e impalpável, é, com relação a ela, verdadeira matéria, ainda grosseira demais para certas percepções. Ele, porém, se espiritualiza, à medida que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como véus que

obscurecem sua visão. Cada imperfeição de que ela se desfaz é um véu a menos; todavia, só depois de se haver depurado completamente é que goza da plenitude das suas faculdades.

Sendo Deus a essência divina por excelência, unicamente os Espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização o podem perceber em todo o seu esplendor. Pelo fato de não o verem, não se segue que os Espíritos imperfeitos estejam *mais distantes dele do que os outros*; esses Espíritos, como os demais, como todos os seres da Natureza, se encontram mergulhados no fluido divino, do mesmo modo que nós o estamos na luz; os cegos também estão mergulhados na luz e, contudo, não a vêem. As imperfeições são véus que ocultam Deus à visão dos Espíritos inferiores. Quando o nevoeiro se dissipar, vê-lo-ão resplandecer. Para isso, não lhes é preciso subir, nem procurá-lo nas profundezas do infinito. Desimpedida a visão espiritual das belas morais que a obscureciam, eles o verão de todo lugar onde se achem, mesmo da Terra, porquanto Deus está em toda parte.

O Espírito só se depura com o tempo, sendo as diversas encarnações o alambique em cujo fundo deixa de cada vez algumas impurezas. Com o abandonar o seu invólucro corpóreo, os Espíritos não se despojam instantaneamente de suas imperfeições, razão por que, depois da morte, não vêem a Deus mais do que o viam quando vivos; mas, à medida que se depuram, têm dele uma intuição mais clara. Não o vêem, mas compreendem-no melhor; a luz é menos difusa. Quando, pois, alguns Espíritos dizem que Deus lhes proíbe respondam a uma dada pergunta não é que Deus lhes apareça, ou dirija a palavra, para lhes ordenar ou proibir isto ou aquilo, não; eles, porém, o sentem; recebem os eflúvios do seu pensamento, como nos sucede com relação aos Espíritos que nos envolvem em seus fluidos, embora não os vejamos.

Nenhum homem, conseguintemente, pode ver a Deus com os olhos da carne. Se essa graça fosse concedida a alguns, só

o seria no estado de êxtase, quando a alma se acha tão despreendida dos laços da matéria que torna possível o fato durante a encarnação. Tal privilégio, aliás, exclusivamente pertenceria a almas de eleição, encarnadas em missão, que não em expiação. Mas, como os Espíritos da mais elevada categoria refulgem de ofuscante brilho, pode dar-se que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, maravilhados com o esplendor de que aqueles se mostram cercados, suponham estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o toma pelo seu soberano.

Sob que aparência se apresenta Deus aos que se tornaram dignos de vê-lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco de resplendente luz? A linguagem humana é impotente para dizê-lo, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação capaz de nos facultar uma idéia de tal coisa. Somos quais cegos de nascença a quem procurassem inutilmente fazer compreendessem o brilho do Sol. A nossa linguagem é limitada pelas nossas necessidades e pelo círculo das nossas idéias; a dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; a dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência muito restrita para os compreender e a nossa vista, por muito fraca, ficaria deslumbrada.

Uma Ressurreição

O *Concorde*, jornal de Versalhes, de 22 de fevereiro de 1866, relata o episódio seguinte, de uma história publicada em folhetim, sob o título de: *Na Córsega, desenho à pena*.

Uma jovem tinha uma velha tia que lhe servia de mãe e à qual dedicava uma ternura filial. A tia adoeceu e morreu. Afastaram a jovem, mas esta se plantou à porta da câmara mortuária, chorando e orando. De repente julgou ouvir um grito

fraco e como um gemido surdo. Abriu a porta precipitadamente e viu a tia, que havia afastado o lençol com que a tinham coberto, e lhe fazia sinal para que se aproximasse. Então lhe disse com voz débil e fazendo um esforço supremo: “Savéria, há pouco eu estava morta... sim, morta... Vi o Senhor... Ele me permitiu voltar um instante a esta Terra, para te dizer um último adeus, fazer uma última recomendação.”

Então lhe renovou um conselho muito importante, que lhe tinha dado alguns dias antes, e do qual dependia o seu futuro. Tratava-se de guardar segredo absoluto sobre um fato, cuja divulgação devia provocar uma dessas terríveis vinganças tão comuns naquela região. Tendo a sobrinha prometido conformar-se à vontade da tia, esta acrescentou: “Agora posso morrer, pois Deus te protegerá como me protege nesta hora, porquanto, indo embora, não sentirei o desgosto de deixar atrás de mim uma vingança a saciar-se num rio de sangue e de maldições... Adeus, pobre filha, eu te abençôo.” Depois destas palavras, expirou.

Um dos nossos correspondentes, que conhece pessoalmente o autor, perguntou-lhe se o relato era fruto da sua imaginação. “Não, respondeu ele, é a pura verdade. Colhi o fato da boca da própria Savéria, quando eu estava na Córsega. Citei suas próprias palavras e ainda omiti certos detalhes, temendo que me acusassem de exagero.”

Os fatos desta natureza não são sem exemplo; citamos um notabilíssimo na *Revista* de agosto de 1863, sob o título de *O Sr. Cardon, médico*. Eles são a prova evidente da existência e da independência da alma, porque se o princípio inteligente fosse inerente à matéria, extinguir-se-ia com ela. A questão é saber se, por um ato da vontade, a alma pode entrar momentaneamente na posse do corpo que acaba de deixar.

Não se deve assimilar o fato acima, nem o do médico Cardon, ao estado letárgico. A letargia é uma suspensão accidental

da sensibilidade nervosa e do movimento que oferece a imagem da morte, mas que não é a morte, pois não há decomposição e os letárgicos viveram longos anos após o seu despertar. A vitalidade, por estar latente, não se acha menos em toda a sua força e a alma não está mais destacada do corpo que no sono ordinário. Na morte verdadeira, ao contrário, a matéria se desorganiza, a vitalidade se extingue, o perispírito se separa; o trabalho da dissolução começa antes mesmo que a morte se tenha efetivado. Enquanto ela não se consuma, pode haver retornos passageiros à vida, como os que citamos, *mas sempre de curta duração*, considerando-se que a vontade pode retardar por alguns instantes a separação definitiva do perispírito, mas é impotente para deter o trabalho da dissolução, quando chegado o momento. Sejam quais forem as aparências exteriores, pode-se dizer que todas as vezes que houver retorno à vida, é que não houve morte na aceção patológica do termo. Quando a morte é completa, esses retornos são impossíveis, pois a isto se opõem as leis fisiológicas.

Nas circunstâncias de que falamos, podia-se, pois, racionalmente admitir que a morte não se tivesse consumado. Tendo sido o fato relatado na Sociedade de Paris, o guia de um dos nossos médiuns habituais deu-lhe a explicação seguinte, que reproduzimos com toda reserva, como uma coisa possível, mas não materialmente provada, e a título de observação.

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de março de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

No caso que é objeto de vossa discussão, há um fato positivo, o da morta que falou à sua sobrinha. Resta saber se esse fato é do domínio material, isto é, se houve retorno momentâneo à vida corporal, ou se é de ordem espiritual; é esta última hipótese que é verdadeira, porque a velha tia estava realmente morta. Eis o que se passou:

Ajoelhada à porta da câmara mortuária, a jovem sofreu um impulso irresistível, que a levou para junto do leito da tia que,

como disse, estava realmente morta. Foi a ardente vontade do Espírito dessa mulher que provocou o fenômeno. Sentindo-se morrer sem poder fazer a recomendação tão vivamente desejada, ela pediu a Deus, numa última e suprema prece, que pudesse dizer à sobrinha o que lhe desejava dizer. Já estando feita a separação, o fluido perispiritual, ainda impregnado de seu desejo, envolveu a jovem e a arrastou para junto de seus despojos. Ali, por uma permissão de Deus, ela tornou-se médium vidente e audiente; viu e ouviu a tia, falando e agindo, não com o corpo, mas por meio do perispírito ainda aderido ao corpo. Portanto, houve visão e audição espirituais e não materiais.

A recomendação da tia, feita em tal momento e em circunstâncias que pareciam uma ressurreição, devia impressionar a jovem mais vivamente e fazê-la compreender melhor toda a importância. Embora já a tivesse feito em vida, queria levar a certeza de que sua sobrinha a isto se conformaria, para evitar as desgraças que teriam resultado de uma indiscrição. Sua vontade não pôde fazer reviver seu corpo, contrariando as leis da Natureza, mas foi capaz de dar ao seu invólucro fluídico as aparências de seu corpo.

Ebelman

Conversas de Além-Túmulo

O ABADE LAVERDET

O Sr. Laverdet era um dos pastores da Igreja francesa e coadjutor do abade Châtel. Era um homem de grande saber e que, pela elevação de seu caráter, gozava da estima dos que o conheceram. Morreu em Paris, no mês de novembro último. Um de seus mais íntimos amigos, o Sr. Monvoisin, o eminente pintor de história, espírita fervoroso, tendo desejado dele receber algumas palavras de além-túmulo, pediu-nos que o evocássemos. A

comunicação que ele deu tem para o seu amigo e para o seu irmão um selo incontestável de identidade, razão por que cedemos ao desejo expresso por esses dois senhores de a publicar, e isto com tanto mais vontade quanto ela é instrutiva sob mais de um aspecto.

(Sociedade de Paris, 5 de janeiro de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Evocação – Vosso amigo, Sr. Monvoisin, informou-me hoje de vossa morte e, embora não tivéssemos tido o prazer de vos conhecer pessoalmente, conhecíamos a vossa reputação pela parte que tomastes na formação da Igreja francesa. A estima que gozáveis a justo título e o estudo que fizestes do Espiritismo antes de morrer, aliados ao desejo de vosso amigo e de vosso irmão, nos dão o de nos entretermos convosco, se Deus o permitir. Ficaremos contentes se quiserdes comunicar as vossas impressões como Espírito, seja pela reforma religiosa na qual trabalhastes e as causas que estancaram o seu progresso, seja sobre a Doutrina Espírita.

Resposta – Caro senhor, estou feliz, muito feliz pela boa lembrança de meu caro amigo Sr. Monvoisin. Graças a ele hoje posso, nesta honrada assembléia, expressar minha admiração pelo homem cujos sábios estudos levaram a felicidade a todos os corações deserdados e feridos pela injustiça dos homens. Reformador eu mesmo, mais que qualquer outro estou em posição de apreciar toda a prudência, toda a sabedoria de vossa conduta, caro senhor e mestre, se me permitirdes que vos dê este título.

Pouco satisfeito com as tendências gerais do clero ortodoxo, com a sua maneira parcimoniosa de espalhar a luz devida a todos, eu quis, de concerto com o abade Châtel, estabelecer um ensino sob novas bases, levando o título de religião, mas em relação com as necessidades gerais das classes pobres. Inicialmente nosso objetivo foi louvável, mas nosso empreendimento pecava pela base, por seu título, que era tal que deviam antes vir a nós para pregar peça à religião estabelecida, do que por convicção íntima. Logo o

reconhecemos, mas, muito fáceis, aceitamos com entusiasmo as crianças que rejeitavam outros padres, por falta de instrução suficiente ou das necessárias formalidades.

O Espiritismo procede de modo inteiramente diverso; é firme e prudente; não visa ao número, mas à qualidade dos adeptos. É um ensino sério e não uma especulação.

Nossa reforma, que desde o início era completamente desinteressada, logo foi considerada, sobretudo pelo abade Châtel, como um meio de enriquecer. Esta foi a principal causa de sua ruína. Não tínhamos bastantes elementos de resistência e, é preciso dizê-lo, infelizmente não dispúnhamos de intrigas suficientes para levar tal empresa a bom termo. O primeiro primaz francês não teve sucessor. Eu não tentei apresentar-me como chefe de uma seita, da qual tinha sido um dos fundadores de segunda ordem, porque, em primeiro lugar, eu não aprovava todas as tendências do abade Châtel, tendências que o caro homem expiou e ainda expia no mundo dos Espíritos. Por outro lado, minha simplicidade se repugnava com isto; abster-me e por isto hoje me sinto feliz.

Quando novamente me vieram propor a retomada da obra interrompida, a leitura de vossas obras, caro senhor, já havia lançado profundas raízes em mim. Compreendi que se tratava não só de modificar a forma do ensino, mas ainda o próprio ensino. Por sua natureza, nossa reforma não podia necessariamente ter senão um tempo; fundada sobre uma idéia imutável, sobre uma concepção humana, inteiramente desenvolvida e limitada em seu início, devia, mesmo com todas as chances de sucesso, achar-se logo ultrapassada pelas sementes progressistas, cuja germinação hoje vemos.

O Espiritismo não tem esta falta; marcha com o progresso, é o próprio progresso e não poderia ser ultrapassado por aquele que o precede constantemente. Aceitando todas as

idéias novas fundadas sobre a razão e a lógica, desenvolvendo-as e fazendo surgirem outras desconhecidas, seu futuro está assegurado. Permitti-me, caro senhor, vos agradecer em particular o prazer que experimentei ao estudar os sábios ensinamentos publicados sob os vossos cuidados. Meu espírito, perturbado pelo desejo de saber o que ocultavam todos os mistérios da Natureza, foi ferido, à sua leitura, pela mais viva luz.

Sei que, por modéstia, repelis todo elogio pessoal; também sei que esses ensinamentos não são concepção vossa, mas a reunião das instruções de vossos guias. Não obstante, não é menos à vossa prudente reserva, à vossa habilidade em apresentar cada coisa a seu tempo, à vossa sábia lentidão, à vossa moderação constante, que o Espiritismo deve, depois de Deus e dos Espíritos bons, gozar da consideração que lhe conferem. A despeito de todas as diatribes, de todos os ataques ilógicos e grosseiros, não deixa de ser hoje uma opinião que fez lei e que é aceita por numerosas pessoas sensatas e sérias, e ao abrigo de suspeitas. É uma obra do futuro; está sob a égide do Onipotente, e o concurso de todos os homens superiores e inteligentes lhe será conquistado, desde que conheçam suas verdadeiras tendências, desfiguradas pelos seus adversários.

Infelizmente o ridículo é uma arma poderosa neste país de progresso! Inúmeras pessoas esclarecidas se recusam a estudar certas idéias, mesmo em segredo, quando foram estigmatizadas por piadas ridículas. Mas há coisas que afrontam todos os obstáculos; o Espiritismo é uma delas e sua hora de vitória logo soará. Congregará em torno de si toda a França, toda a Europa inteligente, e bem tolos e confusos serão os que ainda ousarem levar à conta da imaginação fatos reconhecidos por inteligências excepcionais.

Quanto ao meu estado pessoal, presentemente é satisfatório; dele, pois, nada vos direi; apenas chamarei vossa

atenção e vossas preces para o meu antigo colega, o abade Châtel. Orai por ele. Mais tarde seu espírito transviado, mas elevado, poderá ditar-vos sábias instruções. Agradeço novamente a vossa benevolência para comigo e ponho-me à vossa disposição, se vos puder ser útil, seja no que for.

Abade Laverdet

UM PAI NEGLIGENTE COM OS FILHOS

Charles-Emmanuel **Jean** era um artesão bom e de caráter suave, mas dado à embriaguez desde a juventude. Tinha sido tomado de viva paixão por uma jovem de suas relações, e que inutilmente pedira em casamento. Ela o tinha sempre repellido, dizendo que jamais esposaria um bêbado. Casou-se com outra, da qual teve vários filhos; mas, absorvido pela bebida, não se preocupou com a educação deles, nem com o seu futuro. Morreu pelos idos de 1823, sem que soubessem em que se havia tornado. Um dos filhos seguiu os passos do pai; partiu para a África e dele não se ouviu mais falar. O outro era de natureza completamente diversa; sua conduta foi sempre regular. Entrando cedo no aprendizado, fez-se amado e estimado pelos patrões como operário qualificado, laborioso, ativo e inteligente. Por seu trabalho e suas economias, conquistou uma posição honrada na indústria e educou de maneira muito conveniente uma numerosa família. É hoje um espírito fervoroso e devotado.

Certo dia, numa conversa íntima, exprimia o pesar por não ter podido assegurar aos filhos uma fortuna independente; procuramos tranquilizar a sua consciência, felicitando-o, ao contrário, sobre a maneira pela qual havia cumprido seus deveres de pai. Como é bom médium, rogamos que pedisse uma comunicação, sem fazer apelo a um Espírito determinado. Escreveu:

“Sou eu, Charles-Emmanuel.”

É meu pai, disse ele. Pobre pai! não é feliz.

O Espírito continua: Sim, o mestre tem razão; fizeste mais por teus filhos do que eu por ti, por isso tenho uma tarefa rude a cumprir. Bendiz a Deus, que te deu o amor da família.

Pergunta [Pelo Sr. Allan Kardec] – Donde vinha vossa inclinação pela bebida?

Resposta – Um hábito de meu pai, que eu herdei. É uma provação que eu devia ter combatido.

Observação – Realmente, seu pai tinha o mesmo defeito, mas não é exato dizer que era um hábito que ele havia herdado; ele simplesmente cedeu à influência do mau exemplo. Não se herdam vícios de caráter, como se herdam malformações congênicas. O livre-arbítrio tudo pode sobre os primeiros e nada sobre os segundos.

P. – Qual a vossa posição atual no mundo dos Espíritos?

Resp. – Estou incessantemente à procura de meus filhos e daquela que tanto me fez sofrer; daquela que sempre me rejeitou.

P. – Deveis ter um consolo no vosso filho Jean, que é um homem honrado e estimado, e que ora por vós, embora pouco vos tivésseis ocupado dele.

Resp. – Sim, eu sei; ele tem feito e o faz ainda; eis por que me é permitido falar convosco. Estou sempre perto dele, tentando aliviar suas fadigas; é a minha missão; ela só terminará com a vinda de meu filho para junto de nós.

P. – Em que situação vos encontrastes como Espírito, depois que morrestes?

Resp. – A princípio não me julgava morto; bebia sem cessar; via Antoinette, que eu queria alcançar e que me fugia.

Depois procurava meus filhos, que amava a despeito de tudo, e que minha mulher não queria dar. Então me revoltava, reconhecendo a minha insignificância e a minha impotência, e Deus me condenou a velar por meu filho Jean, que jamais morrerá por acidente, porque em toda parte e sempre eu o salvo de uma morte violenta.

Observação – Com efeito, o Sr. Jean escapou muitas vezes, como por milagre, de perigos iminentes; por pouco não se afogou, não se queimou, não foi esmagado nas engrenagens de um motor e não explodiu com uma máquina a vapor; na juventude foi enforcado por acaso e sempre um socorro inesperado o salvava no momento mais crítico, o que se deve, conforme tudo indica, à vigilância exercida pelo pai.

P. – Dissestes que Deus vos *condenou* a velar pela segurança de vosso filho. Não vejo nisto uma punição; já que o amais isto deve ser, ao contrário, uma satisfação para vós. Muitos Espíritos são encarregados da guarda dos encarnados, dos quais são protetores, e esta é uma tarefa de que se sentem felizes em realizar.

Resp. – Sim, mestre. Eu não devia ter abandonado meus filhos, como fiz. Então a lei de justiça me condena a reparar. Não o faço a contragosto; sinto-me feliz de o fazer por amor de meu filho; *mas a dor que ele experimentaria nos acidentes de que o salvo, sou eu quem suporta*; se ele devesse ser perfurado por dez balas eu sentiria o mal que ele suportaria se a coisa se realizasse. Eis a justa punição que eu atraí, não cumprindo junto dele meus deveres de pai quando vivo.

P. [Pelo Sr. Jean] – Vedes meu irmão Numa, e podeis dizer onde está? (O que se entregara à bebida e cuja sorte era ignorada).

Resp. – Não, não o vejo; procuro-o. Tua filha Jeanne o viu nas costas da África, cair no mar. Eu não estava lá para o socorrer; não o podia.

Observação – A filha do Sr. Jean, num momento de êxtase, de fato o tinha visto cair no mar, na época de seu desaparecimento.

A punição deste Espírito oferece esta particularidade: ele sente as dores que deve poupar ao filho. Compreende-se, então, que a missão seja penosa. Mas como não se queixa, a considera justa reparação e isto não diminui a sua afeição por ele, a expiação lhe é proveitosa.

Lembrança Retrospectiva de um Espírito

(Comunicação espontânea – Tulle, 26 de fevereiro de 1866
– Médium: Sr. Leymarie)

Sabeis, meus amigos, de que lugar é datada minha comunicação? De uma garganta perdida, onde as casas disputaram suas fiadas nas dificuldades acumuladas pela Criação. Na vertente de colinas quase a pique, serpenteiam ruas dispostas em andares, ou, melhor, penduradas aos flancos dos rochedos. Pobres moradas, que abrigaram muitas gerações; em cima dos telhados se acham jardins, onde os pássaros cantam sua prece. Quando as primeiras flores anunciam belos dias cheios de ar e de sol, essa música parece sair das camadas aéreas; o habitante dobra e trabalha o ferro, e a usina e seu ruído discordante casam seu ritmo áspero e barulhento à harmonia dos pequenos artistas do bom Deus.

Mas acima dessas casas irregulares, desordenadas, originais, deslocadas, existem altas montanhas de uma verdura sem-par; a cada passo o viandante vê alargar-se o horizonte; os vilarejos, as igrejas parecem sair do abismo, e esse panorama estranho, selvagem, mutável, se perde ao longe, dominado por montanhas coroadas de neve.

Mas eu esquecia: sem dúvida deveis perceber uma fita prateada, clara, caprichosa, transparente como um espelho: é o rio Corrèze. Ora encaixado entre rochedos, é silencioso e grave; ora se escapa alegre, risonho, através dos prados, dos salgueiros e dos olmeiros, oferecendo sua taça aos lábios de numerosos rebanhos e sua transparência benfeitora às brincadeiras dos banhistas; ele purifica a cidade, que divide graciosamente.

Amo esta terra, com suas velhas moradas, seu campanário gigantesco, sua ribeira, seu barulho, sua coroa de castanheiros; eu a amo porque aí nasci, porque tudo que lembro ao vosso espírito benevolente faz parte das lembranças de minha última encarnação. Parentes amados, amigos sinceros sempre me cercaram de ternos cuidados; ajudaram o meu adiantamento espiritual. Chegado às grandezas, eu lhes devia meus sentimentos fraternos; meus trabalhos os honravam, e quando venho visitar, como Espírito, a cidade de minha infância, não deixo de subir ao Puy-Saint-Clair, a última morada dos cidadãos de Tulle, para saudar os restos terrenos dos Espíritos amados.

Estranha fantasia! O cemitério está a cinqüenta pés acima da cidade; em toda a volta o horizonte é infinito. A gente está só entre a Natureza, seus prestígios e Deus, o rei de todas as grandezas, de todas as esperanças. Nossos avós tinham querido aproximar os mortos amados de sua verdadeira morada, para lhes dizer: Espíritos! despendei-vos! o ar ambiente vos chama. Saí resplendentes de vossa prisão, a fim de que o espetáculo encantador desse horizonte imenso vos prepare para as maravilhas, que estais chamados a contemplar. Se tiveram esse pensamento, eu o aprovo, pois a morte não é tão lúgubre quanto a querem pintar. Não é para os espíritas a verdadeira vida, a separação desejada, a bem-vinda do exilado nos grupos da erraticidade, onde ele vem estudar, aprender e preparar-se para novas provas?

Em alguns anos, em vez de gemer, de cobrir-se de negro, esta separação será uma festa para os Espíritos encarnados, quando o morto tiver cumprido seus deveres espíritas em toda a aceção da palavra; mas chorarão, gemerão pelo terrícola egoísta, que jamais praticou a caridade, a fraternidade, todas as virtudes, todos os deveres tão bem enunciados em *O Livro dos Espíritos*.

Depois de ter falado dos mortos, permiti-me falar dos vivos? Eu me apego muito a todas as esperanças, e meu país, onde há tanto a fazer, bem merece votos sinceros.

O progresso, esse nivelador inflexível, é lento, é verdade, em se implantar nas regiões montanhosas, mas sabe a tempo impregnar-se nos hábitos, nos costumes; afasta uma a uma as oposições para, enfim, deixar entrever clarões novos a esses párias do trabalho, cujo corpo, sempre vergado sobre uma terra ingrata, é tão rude quanto o traçado dos sulcos.

A natureza vigorosa desses bravos habitantes espera a redenção espiritual. Eles não sabem o que seja pensar, julgar sensatamente e utilizar todos os recursos do espírito; só o interesse os domina em toda a sua rudeza e o alimento pesado e comum se presta a essa esterilidade do espírito. Vivendo afastados do ruído da política, das descobertas científicas, são como bois, ignorantes de sua força, prestes a aceitar o jugo e, tangidos pelo agulhão, vão à missa, ao cabaré, ao vilarejo, não por interesse, mas por hábito, dormindo às prédicas, saltando aos sons desafinados de uma gaita, soltando gritos insensatos e obedecendo brutalmente aos movimentos da carne.

O padre se guarda bem de mudar esses velhos usos e costumes; fala da fé, dos mistérios, da paixão, do diabo sempre, e essa mistura incoerente acha um eco sem harmonia nas cabeças dessa brava gente que faz votos, peregrinações com pés descalços e se entrega aos mais estranhos costumes supersticiosos.

Assim, quando uma criança é doentia, pouco expansiva, sem inteligência, logo a levam a um vilarejo chamado Saint-Pao (dizei Saint-Paul); inicialmente é mergulhada numa água privilegiada, mas que se paga; depois a fazem sentar numa bigorna benta e um ferreiro, armado de um pesado martelo, bate vigorosamente na bigorna. Dizem que a comoção experimentada pelos golpes repetidos cura infalivelmente o paciente. Chama-se a isto forjar à Saint-Pao. As mulheres que sofrem do baço também vão banhar-se nessa água miraculosa e se fazer forjar. Julgai por este exemplo em cem o que é o ensino dos vigários desta região.

Entretanto, tomai esse bruto e falai de interesse; logo o camponês manhoso, prudente como um selvagem, se defende com apurmo e confunde o mais astuto juiz. Fazei um pouco de luz em seu cérebro, ensinai-lhe os primeiros elementos de ciência, e tereis homens verdadeiros, fortes em saúde, espíritos viris e cheios de boa vontade. Que as estradas de ferro cruzem esta região e logo tereis um solo generoso com vinho, frutos deliciosos, grão escolhido, trufa perfumada, castanhas delicadas, a vide ou o cogumelo sem igual, bosques magníficos, minas de carvão inesgotáveis, ferro, cobre, gado de primeira ordem, ar, verdura, paisagens esplêndidas.

E quando tantas esperanças não pedem senão para se espalhar, quando tantas outras regiões estão, como essa, numa prostração mortal, desejamos que, em todos os corações, em todos os recantos perdidos deste mundo, penetre *O Livro dos Espíritos*. Só a doutrina que ele encerra será capaz de mudar o espírito das populações, arrancando-as à pressão absurda dos que ignoram as grandes leis da erraticidade, e que querem imobilizar a crença humana num dédalo, onde eles próprios têm tanta dificuldade em se reconhecer. Trabalhem, pois, todos com ardor nesta renovação desejada, que deve derrubar todas as barreiras e criar o fim prometido à geração que logo nos virá.

Observação – O nome de Baluze é conhecido dos nossos leitores pelas excelentes comunicações que muitas vezes ele dita ao seu compatriota e médium de predileção, o Sr. Leymarie. Foi durante uma viagem deste último à sua terra que lhe deu a comunicação acima. Baluze, erudito historiógrafo, nascido em Tulle em 1630, morto em Paris em 1718, publicou grande número de obras apreciadas; foi bibliotecário de Colbert. Sua biografia (Dicionário de Feller) diz “que o mundo das letras lamentaram nele um sábio profundo e seus amigos um homem afável e benfeitor.” Há em Tulle um cais com o seu nome. O Sr. Leymarie, que ignorava a história de Saint-Pao, informou-se e teve a certeza de que essas práticas supersticiosas ainda estão em uso.

Necrológio

MORTE DO DOUTOR CAILLEUX

Presidente do Grupo Espírita de Montreuil-sur-Mer

O Espiritismo acaba de perder um de seus mais dignos e mais fervorosos adeptos na pessoa do Sr. Dr. Cailleux, morto sexta-feira, 20 de abril de 1866. Não podemos render mais brilhante homenagem à sua memória do que reproduzindo um dos artigos publicados a respeito pelo *Journal de Montreuil*, de 5 de abril.

“Um homem de bem acaba de expirar em meio à dor geral. O Dr. *Cailleux*, Doutor em Medicina há quase trinta anos, membro do Conselho Municipal, Membro da Associação de Beneficência, médico dos pobres, médico das epidemias, morreu sexta-feira última, às sete horas da noite.

“Segunda-feira, uma grande multidão, composta de todas as classes da sociedade, o conduziu à sua última morada. O silêncio religioso que reinou em todo o percurso do cortejo fúnebre dava a essa triste e imponente cerimônia o caráter de uma

manifestação pública. Esse simples caixão, seguido de perto de três mil pessoas, em lágrimas ou mergulhadas em muda dor, teria tocado os mais duros corações. Era toda uma cidade que acorria a prestar os últimos deveres a um de seus mais caros habitantes; era toda uma população que queria conduzir até o cemitério aquele que tantas vezes por ela se havia sacrificado.

“Os pobres que o Sr. Cailleux tantas vezes havia cumulado de benefícios mostraram que tinham um coração reconhecido. Um grande número de operários tomou das mãos dos carregadores o caixão de seu benfeitor, considerando uma glória levar até o cemitério esse precioso fardo..

“As pontas da mortalha eram seguradas pelo Sr. Lecomte, 1^o Adjunto; pelo Sr. Cosyn, 1^o Conselheiro Municipal; pelo Sr. Hacot, membro da Associação de Beneficência, e pelo Sr. Delplanque, médico e Conselheiro Municipal. À frente do cortejo marchava o Conselho Municipal, precedido pelo Prefeito, Sr. Emile Delhomel. Na assembléia notavam-se o Sr. Charbonnier, Sub-prefeito; o Sr. Martinet, Procurador Imperial; o Sr. Comandante da Praça, todas as notabilidades da cidade e os médicos das localidades vizinhas.

“Um grande número de soldados da guarnição, que o Sr. Cailleux havia tratado na Santa Casa de Misericórdia, tinha obtido a graça de assistir ao enterro e se havia apressado em misturar-se à multidão.

“Ao chegar ao cemitério, um operário rompeu a multidão e, parando diante do túmulo, pronunciou com voz comovida, em meio ao silêncio geral, estas poucas palavras: ‘Homem de bem, que fostes o benfeitor dos pobres e que morrestes vítima de vossa sublime dedicação, recebei nossos últimos adeuses; vossa lembrança ficará eternamente em nossos corações.’ Depois destas palavras, ditadas por um sentimento de reconhecimento, a multidão retirou-se em religioso recolhimento.

A tristeza que reinava em todos os semblantes bem mostrava que imensa perda acabava de sofrer a cidade de Montreuil.

“Com efeito, o Sr. Cailleux, por suas numerosas qualidades, tinha sabido conquistar a estima universal. Toda a sua vida não tinha sido mais que uma longa série de atos de devotamento; trabalhou até o último dia sem querer jamais repousar e, terça-feira última, ainda foi visitar vários doentes no campo. Quando lhe falavam de sua idade avançada e o aconselhavam a descansar de suas numerosas fadigas, de boa vontade teria respondido como Arnaud: ‘Tenho toda a eternidade para repousar.’ Cada hora de sua vida foi consagrada a cuidar dos doentes, a consolar os aflitos; não vivia para si, mas para os semelhantes, e toda a sua existência pode resumir-se nestas três palavras: *Caridade, Devotamento, Abnegação*.”

“Nos últimos tempos, quando a epidemia alastrou-se em Étaples e nos vilarejos circunvizinhos, o Dr. Cailleux dedicou-se de corpo e alma aos doentes, percorrendo as aldeias infestadas, visitando os pobres, cuidando de uns, socorrendo outros e a todos levando consolações. Assim visitou mais de 800 doentes, entrando nas habitações menos salubres, sentando-se à cabeceira dos moribundos e ele próprio lhes administrando os remédios, sem jamais se queixar, mantendo, ao contrário, um humor sempre constante e uma alegria providencial. O doente que o visse já estava meio curado por esse humor jovial, sempre acompanhado de uma palavra que fazia rir.

“Oito dias antes de sua morte, o Sr. Cailleux foi visitar seus doentes de Berck, Lefaux, Camiers e Étaples, consagrando o turno da noite aos doentes da cidade: eis o que era para ele a obra de um único dia!

“Tanta abnegação ia ser-lhe funesta e ele devia ser a última vítima do flagelo. No dia 20 de março começou a apresentar forte diarreia... Ia repousar quando o chamaram para um doente do

campo. Malgrado os conselhos amigos, partiu dizendo: ‘Não quero expor um doente por minha falta; se ele morresse, eu seria o responsável. Não faço senão cumprir o meu dever.’ Quando voltou à noite, com mau tempo, apareceram novos sintomas da doença. Pôs-se na cama, o mal aumentou, no dia seguinte a moléstia estava declarada e sexta-feira ele expirava...

“Fica-se horrorizado quando se pensa nas dores terríveis que deve sentir um homem que, conhecendo sua posição, se vê morrer. O próprio Sr. Cailleux indicava o tratamento a seguir a dois de seus confrades, que acorreram pressurosos para o assistir. Sabia perfeitamente que não se curaria. Dizia ele: ‘Se a melhora não se fizer sentir logo, em doze horas não existirei mais.’ Via-se morrer, sentia a força vital diminuir e extinguir-se pouco a pouco, sem poder deter essa marcha para a tumba. Seus últimos momentos foram calmos e serenos e eu não saberia chamar melhor esta morte que o repouso no Senhor. *Beati qui moriuntur in Domino.*

“Algumas horas antes de sua morte perguntaram-lhe que remédio deviam empregar. ‘A ciência humana empregou todos os remédios que estavam em seu poder. Agora só Deus pode deter o mal; é preciso confiar em sua divina Providência.’ – Então se curvou sobre o leito e, com os olhos fixados para o céu, como que antegozando a beatitude celeste, expirou sem dor, sem um grito, calma e docemente.

“Homem de bem, cuja vida inteira foi um longo devotamento, trabalhastes nesta terra; agora gozais da recompensa que Deus reserva aos que sempre observaram sua lei. Enquanto o egoísmo corria aos borbotões na Terra, excedíeis em abnegação e caridade. Visitar os pobres, socorrer os doentes, consolar os aflitos, eis qual foi a vossa obra. Oh! quantas famílias não vos abençoaram! quantos pais a quem salvastes os filhos durante a última epidemia! quantas crianças iam ser órfãs e que arrebatastes ao flagelo

destruidor! quantas famílias salvas por vosso devotamento vieram, segunda-feira, de várias léguas para vos acompanhar à vossa última morada e chorar sobre o vosso túmulo!

“Vossa vida foi sempre pura e sem mácula; vossa morte foi heróica; soldado da caridade, sucumbistes salvando vossos irmãos da morte, perecesteis golpeado pelo flagelo que combatíeis. Esse glorioso devotamento ia receber sua recompensa e em breve a cruz de honra, que tínheis ganho tão nobremente, ia brilhar em vosso peito... Mas Deus tinha sobre vós outros desígnios; ele vos preparava uma recompensa mais bela que o galardão dos homens, ele vos preparava a felicidade que reserva aos seus servos fiéis. Vossa alma levantou vôo a mundos superiores onde, desembaraçada deste pesado invólucro material, liberta de todos os laços que, na Terra, pesam sobre nós, goza agora da perfeição e da felicidade que a esperavam.

“Nesse dia de felicidade, não nos esqueçais; pensai nos numerosos amigos que deixastes na Terra e que vossa separação mergulha em profunda dor. Praza aos céus que um dia nós vos encontremos no paraíso para aí gozar de uma felicidade eterna!... É esta esperança que nos consola e que nos dará forças para suportar a vossa ausência com paciência...”

A. J.

Por cópia conforme: *Jules Duval*

Que me permitam, como complemento deste artigo, citar alguns fragmentos do magnífico discurso fúnebre, pronunciado há um ano por Victor Hugo.

(Segue um trecho desse discurso, que publicamos na *Revista* de fevereiro de 1865).

Certamente não são os apóstolos do *niilismo* que escrevem tais palavras.

A carta pela qual nos informam deste evento contém a seguinte passagem:

“O Sr. Cailleux, Doutor em Medicina, presidente do Grupo Espírita de Montreuil, acaba de morrer, vítima de seu devotamento durante o surto de cólera que devastou nossa terra. Morreu como espírita convicto e, por esta razão, o clero da cidade houve por bem lhe recusar sepultura eclesiástica; mas, como vereis pelo exemplar do jornal que vos envio, toda a população rendeu solene homenagem às suas virtudes. Não obstante, a família tentou convencer a diocese para que um serviço fúnebre fosse cantado na igreja, embora tenha havido apenas um enterro civil. Conseguiram e o serviço foi realizado quinta-feira, 5 de abril.

“O Espiritismo sofre grande perda com a morte do Sr. Cailleux, e estou persuadido de que todos os meus irmãos em crença associar-se-ão aos meus legítimos pesares. Graças ao seu devotamento e ao seu zelo esclarecido, a doutrina fez tão rápidos progressos, quer em nossos campos, quer na cidade, contando-se às centenas os espíritos que vivem em seus arredores.

“O Conselho Municipal da cidade de Montreuil decidiu, por unanimidade, atendendo a proposta do Sr. Prefeito, que será erigido à custa da cidade um monumento público, como homenagem a ser prestada à memória deste grande homem de bem.”

“Enviaram-nos o seguinte extrato de uma comunicação dada por ele aos seus colegas de Montreuil. Dela só foi suprimido o que trata de coisas pessoais:

“...Voltais à minha morte. Pois bem! ela foi útil à nossa causa porque despertou a atenção adormecida de numerosas almas privadas da verdade e, por conseguinte, de vida. Toda coisa que desaparece sempre deixa um vazio no lugar que ocupava; mas, bem o sabeis, esse vazio é apenas aparente; só existe para os que têm a visão *limitada*, já que se acha cheio por outra parte. Assim, nada

perdeis, repito, com a minha morte; ao contrário, com ela muito ganhareis, não que eu tenha feito, durante minha vida corporal, prodígios de caridade próprios a salientar a doutrina que junto professamos, mas porque, fiel aos princípios espíritas, fui objeto de manifestações hostis, que necessariamente deveriam provocar demonstrações contrárias. Na Terra jamais as coisas sucedem de outra maneira; o bem e o mal não se chocam cada vez que se encontram?

“Resulta, pois, de tudo isto que nesta hora entrais numa fase nova, que nossos bons guias haviam preparado há muito tempo para seus ensinamentos. Mas, de decomposição de vossa sociedade, nada, se persistirdes sempre nos sentimentos de que vos vejo animados neste momento. Sabeis qual a minha recompensa? É ver a felicidade relativa que experimentais pela Doutrina, pela qual eu me mostrei, em todas as circunstâncias, zeloso campeão. Para vós é difícil conceber uma alegria mais pura. Que são, ao lado dela, as alegrias grosseiras do vosso mundo? Que são as honras sob as quais escondeis as misérias de vossas almas? Que são os prazeres que buscais para perturbar vossos tristes retornos? Que é tudo isto em comparação com o que sinto? Nada! menos que fumaça.

“Perseverai em vossos sentimentos, perseverai até a morte.

“Vi que tendes o propósito de vos organizar regularmente; é uma medida sábia. A fraqueza deve precaver-se sempre contra as ciladas e surpresas do espírito do mal. Ah! o espírito do mal! não é Satã. Ele é encontrado a cada passo no mundo onde vos acotovelais. Regularai, pois, a ordem em vossas sessões, em vossas evocações, em vossos estudos. Ligai-vos uns aos outros pelos laços voluntários da caridade, da benevolência e da submissão. Eis a melhor maneira de colher frutos abundantes e doces.”

Eis a primeira comunicação que ele deu na Sociedade de Paris:

(13 de abril de 1866 – Médiun: Sr. Morin)

Evocação

Caro e venerado Dr. Cailleux,

Em vossa vida nós vos apreciávamos como espírita fervoroso e devotado. Chamado sem dúvida pela Providência a fim de implantar a doutrina em vossa região, empunhastes a bandeira altiva e firmemente, afrontando sem desfalecimentos os sarcasmos e a perseguição; assim, o sucesso coroou vossos esforços. Não é somente o irmão em crença que hoje vimos saudar em sua partida da Terra, mas o homem de bem, o que não só pregou o Espiritismo por suas palavras, mas que soube fazê-lo amado e respeitado por seu exemplo e pela prática das virtudes cristãs. Recebi, pois, aqui a expressão de nossas mais vivas simpatias e a esperança de que vos disponhais a vir algumas vezes ao nosso meio, associar-vos aos nossos trabalhos.

Resposta – Eis-me aqui, obrigado. – Há pouco faláeis das tendências inerentes ao organismo humano. Observam-se mais especialmente as que se devem aos maus instintos, porque os homens são sempre levados a se guardar do que lhes pode ser prejudicial ou lhes causar algum embaraço; mas as tendências para o bem muitas vezes passam despercebidas aos olhos da sociedade, porque é muito mais difícil encontrar e mostrar a violeta do que o espinho.

Não vos surpreendais se começo assim. Como dizíeis há pouco, o Espírito é o único responsável por seus atos; não pode escusar-se, atribuindo sua falta a Deus; não. Os bons e os maus sentimentos são o resultado de conquistas anteriores. Em minha vida, levado por instinto para o bem, para o alívio de meus irmãos em Deus, declino a honra de todos os vossos louvores, porque não tive dificuldade em seguir o caminho que me traçava o coração; não tive luta a sustentar contra os instintos contrários; apenas me deixei ir suavemente pela vocação de meu gosto, que me dizia bem

alto: “Marcha! estás no bom caminho.” E a satisfação moral de todo o meu ser inteligente era tão grande que certamente eu era tão feliz quanto o avaro, que satisfaz sua paixão pelo ouro contemplando-o e acariciando-o. Eu vo-lo repito, não tenho mérito neste particular; todavia, agradeço vossas boas palavras, que não são ouvidas em vão por aqueles a quem são dirigidas. Por mais elevados que sejam, os Espíritos sempre sentem a felicidade de um pensamento simpático.

Não tardei a voltar da emoção muito natural, resultante da passagem da vida material à vida dos Espíritos, mas a profunda convicção de entrar num mundo mais vivo ajudou-me a voltar a mim mesmo. Não posso melhor comparar minha passagem da vida à morte senão a um desmaio sem sofrimento e sem fadiga. Despertei do outro lado ao suave toque fluídico de meus queridos pais e amigos espirituais. Em seguida vi meus pobres despojos mortais e os bendisse pelos seus belos e leais serviços, porquanto, dócil à minha vontade, em minha vida não tive lutas sérias a sustentar entre o meu Espírito e a minha matéria. Foi, pois, com satisfação que acompanhei ao campo de repouso o meu pobre corpo, que me tinha ajudado a impedir que muitos de meus co-encarnados fizessem essa viagem, que absolutamente não a teriam encarado como eu.

Perdôo a todos que, de uma maneira ou de outra, julgaram fazer-me mal. Quanto aos que se recusaram a orar por mim no templo consagrado, serei mais caridoso que a caridade que pregam: oro por eles. É assim que se deve fazer, meus bons irmãos em crença. Crede-me, e perdoai aos que lutam contra vós, pois não sabem o que fazem.

Doutor Cailleux

Observação – As primeiras palavras desta comunicação provam que o Espírito estava presente e havia assistido às discussões da sessão. Com efeito, discutiu-se um fato notável de *instinto incendiário precoce* numa criança de quatro anos e meio,

relatado pelo *Salut public* de Lyon. O fato, que forneceu assunto para um estudo importante, será publicado no próximo número.

Notamos também que o Dr. Cailleux não se serve dos preâmbulos ordinários dos Espíritos que acabam de deixar a Terra. Vê-se logo que não é um fazedor de frases, nem de cumprimentos. Diz *obrigado* e pensa que esta palavra basta para tornar compreensível o seu pensamento e que com ela se deve contentar; depois entra bruscamente no assunto, como um homem que se acha em seu terreno e não quer perder tempo com palavras inúteis; fala como se não tivesse havido nenhuma interrupção em sua existência. Dir-se-ia que o Sr. Cailleux de Montreuil tivesse vindo visitar a Sociedade de Paris.

Se declina do mérito de seus atos, é certamente por modéstia; os que fazem o bem sem esforço chegaram a um grau de adiantamento que lhes torna natural; se não têm mais de lutar hoje, lutaram em outras circunstâncias; a vitória foi alcançada. Os que têm de combater tendências más ainda estão em luta; mais tarde o bem não lhes custará nenhum esforço, pois o farão sem pensar. Por ter vencido mais cedo, o mérito não existe menos.

O doutor Cailleux é um desses homens que, como o doutor *Demeure* e tantos outros, honram a doutrina que professam e dão o mais retumbante desmentido aos detratores do Espiritismo.

Dissertações Espíritas

INSTRUÇÕES PARA O SR. ALLAN KARDEC

(Paris, 23 de abril de 1866 – Médiun: Sr. Desliens)

Enfraquecendo dia a dia a saúde do Sr. Allan Kardec, em consequência dos trabalhos excessivos a que não pode bastar, vejo-me na obrigação de lhe repetir novamente o que já lhe disse muitas vezes: Necessitais de repouso; as forças humanas têm

limites, que o vosso desejo de ver progredir o ensino muitas vezes vos leva a infringir; laborais em erro, porquanto, assim agindo, não apressareis a marcha da doutrina, mas arruinareis vossa saúde e vos colocais na impossibilidade material de concluir a tarefa que viestes desempenhar na Terra. Vossa doença atual não é senão o resultado de um dispêndio incessante de forças vitais, que não deixa à reparação o tempo de se refazer e um aquecimento do sangue produzido pela absoluta falta de repouso. Nós vos sustentamos, sem dúvida, mas desde que não desfaçais o que fizemos. De que serve correr? Não vos dissemos muitas vezes que cada coisa viria a seu tempo e que os Espíritos prepostos ao movimento das idéias saberiam fazer surgir circunstâncias favoráveis quando chegasse o momento de agir?

Quando cada espírita guarda suas forças para a luta, pensais que seja vosso dever esgotar as vossas? – Não. Em tudo deveis dar o exemplo e arregaçar as mangas no momento do perigo. Que faríeis se vosso corpo debilitado não mais permitisse ao vosso espírito servir-se das armas que a experiência e a revelação vos puseram nas mãos? – Crede-me, consagrai-vos mais tarde às grandes obras destinadas a completar o trabalho esboçado em vossas primeiras publicações; vossas tarefas correntes e algumas pequenas brochuras urgentes têm com que absorver o vosso tempo e devem ser os únicos objetos de vossas preocupações atuais.

Não vos falo apenas em meu próprio nome; sou aqui o delegado de todos esses Espíritos, que contribuíram tão poderosamente para a propagação do ensinamento por suas sábias instruções. Eles vos dizem, por meu intermédio, que essa demora, que julgais prejudicial ao futuro da doutrina, é uma medida necessária sob mais de um ponto de vista, seja porque certas questões não estão ainda completamente elucidadas, seja para preparar os Espíritos a melhor assimilá-las. É preciso que outros tenham preparado o terreno, que certas teorias tenham provado a sua insuficiência e gerado um vazio maior. Numa palavra, o

momento não é oportuno; poupai-vos, pois, porque quando chegar o tempo, todo o vosso vigor de corpo e de espírito vos será necessário. Até aqui o Espiritismo foi objeto de muitas diatribes, levantou muitas tempestades! Credes que todo o movimento será apaziguado, todos os ódios serão acalmados e reduzidos à impotência? Desiludi-vos; o cadinho depurador ainda não removeu todas as impurezas; o futuro vos reserva outras provas e as últimas crises não serão menos penosas para suportar.

Sei que vossa situação particular vos suscita uma porção de trabalhos secundários, que absorvem a maior parte do vosso tempo. As perguntas de toda sorte vos acabrunham e considerais um dever respondê-las tanto quanto possível. Farei aqui o que sem dúvida não ousaríeis fazer vós mesmo: dirigindo-me à generalidade dos espíritas, eu lhes pedirei, no interesse mesmo do Espiritismo, que vos poupem toda sobrecarga de trabalho capaz de absorver instantes que deveis consagrar quase exclusivamente à conclusão da obra. Se vossa correspondência com isto sofre um pouco, o ensinamento lucrará. Às vezes é necessário sacrificar as satisfações particulares ao interesse geral. É uma medida urgente, que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar.

A imensa correspondência que recebeis é para vós uma fonte preciosa de documentos e de informações; ela vos esclarece quanto à verdadeira marcha e sobre os progressos reais da doutrina; é um termômetro imparcial; aí colheis, além disso, satisfações morais que, mais de uma vez, sustentou vossa coragem, vendo a adesão que vossas idéias encontram em todos os pontos do globo. Neste ponto, a superabundância é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de secundar os vossos trabalhos, e não de os entravar, vos criando um acréscimo de ocupações.

Bom senhor Demeure, agradeço os vossos sábios conselhos. Graças à resolução que tomei de, salvo em casos excepcionais, me fazer substituir, a correspondência comum pouco sofre agora e não sofrerá mais no futuro. Mas que fazer com mais de quinhentas cartas em atraso, a despeito de toda a minha boa vontade, que não consigo pôr em dia?

Resp. – É preciso, como se diz em linguagem comercial, passá-las em bloco a conta de lucros e perdas. Anunciando esta medida na *Revista*, vossos correspondentes saberão como proceder; compreenderão a necessidade e a encontrarão justificada, sobretudo pelos conselhos que precedem. Repito: seria impossível que as coisas continuassem assim por mais tempo; tudo sofreria com isto, e vossa saúde e a doutrina. Em caso de necessidade, é preciso saber fazer os sacrifícios indispensáveis. Doravante, tranqüilo sobre este ponto, podereis consagrar-vos mais livremente aos vossos trabalhos obrigatórios. Eis o que vos aconselha aquele que será sempre vosso amigo devotado.

Demeure

Anuindo a este sábio conselho, rogamos aos nossos correspondentes com os quais estamos em atraso há muito tempo, que aceitem nossas desculpas e o nosso pesar por não ter podido responder em detalhe, e como teríamos desejado, às suas bondosas cartas. Queiram por gentileza receber aqui coletivamente a expressão de nossos sentimentos fraternais.

AQUIESCÊNCIA À PRECE

(Paris, abril de 1866 – Mèdium: Sra. D...)

Imaginais quase sempre que o que pedis na prece deve realizar-se por uma espécie de milagre. Esta crença errônea é a fonte de uma imensidade de práticas supersticiosas e de muitas decepções. Também conduz à negação da eficácia da prece. Porque

vosso pedido não é acolhido da maneira por que o entendeis, concluis que era inútil e então, por vezes, murmurais contra a justiça de Deus. Pensam outros que tendo Deus estabelecido leis eternas, às quais todos os seres estão submetidos, não as pode derogar para anuir aos pedidos que lhe são feitos. É para vos premunir contra o erro, ou melhor, contra o exagero destas duas idéias que me proponho vos dar algumas explicações sobre o modo de aquiescência à prece.

Há uma verdade incontestável: Deus não altera nem suspende para *ninguém* o curso das leis que regem o Universo. Sem isto a ordem da Natureza seria incessantemente perturbada pelo capricho do primeiro que chegasse. É, pois, certo que toda prece que não pudesse ser atendida senão por uma derrogação destas leis ficaria sem efeito. Tal seria, por exemplo, a que tivesse por objetivo a volta à vida de um homem realmente morto, ou o restabelecimento da saúde se a desordem do organismo é irremediável.

Não é menos certo que nenhuma atenção é dada aos pedidos fúteis ou inconsiderados. Mas ficai persuadidos de que toda prece pura e desinteressada é ouvida e que é sempre levada em conta a intenção, mesmo quando Deus, em sua sabedoria, julgasse a propósito não a atender; é sobretudo então que deveis dar prova de humildade e de submissão à sua vontade, dizendo a vós mesmos que melhor do que vós ele sabe o que vos pode ser útil.

Há, sem dúvida, leis gerais a que o homem está fatalmente submetido; mas é erro crer que as menores circunstâncias da vida estejam fixadas de antemão de maneira irrevogável; se assim fosse, o homem seria uma máquina sem iniciativa e, por conseguinte, sem responsabilidade. O livre-arbítrio é uma das prerrogativas do homem; desde que é livre para ir à direita ou à esquerda, de agir conforme as circunstâncias, seus movimentos não são regulados como os de uma máquina. Conforme faz ou não

faz uma coisa e conforme a faz de uma maneira ou de outra, os acontecimentos que disso dependem seguem um curso diferente; visto que são subordinados à decisão do homem, não estão submetidos à fatalidade. Os que são fatais são os que são independentes de sua vontade; mas, todas as vezes que o homem pode reagir em virtude de seu livre-arbítrio, não há fatalidade.

O homem tem, pois, um círculo, dentro do qual pode mover-se livremente. Esta liberdade de ação tem por limites as leis da Natureza, que ninguém pode transpor; ou, melhor dizendo, esta liberdade, na esfera da atividade em que se exerce, faz parte dessas leis; é necessária e é por ela que o homem é chamado a concorrer para a marcha geral das coisas; e como ele o faz livremente, tem o mérito do que fez de bem e o demérito do que fez de mal, de sua indolência, de sua negligência, de sua inatividade. As flutuações que sua vontade pode imprimir aos acontecimentos da vida de modo algum perturbam a harmonia universal, pois essas mesmas flutuações faziam parte das provas que incumbem ao homem na Terra.

No limite das coisas que dependem da vontade do homem, Deus pode, pois, sem derogar suas leis, anuir a uma prece, quando é justa, e cuja realização pode ser útil; mas acontece muitas vezes que ele julga a sua utilidade e a sua oportunidade de modo diverso que nós, razão por que nem sempre aquiesce. Se lhe aprouver atendê-la, não é modificando seus decretos soberanos que o fará, mas por meios que não saem da ordem geral, se assim nos podemos exprimir. Os Espíritos, executores de sua vontade, são então encarregados de provocar as circunstâncias que devem levar ao resultado desejado. Quase sempre esse resultado requer o concurso de algum encarnado; é, pois, esse concurso que os Espíritos preparam, inspirando os que devem nele cooperar o pensamento de uma ação, incitando-os a ir a um ponto e não a um outro, provocando encontros propícios que parecem devidos ao acaso. Ora, o acaso não existe nem na assistência que se recebe, nem nas desgraças que se experimenta.

Nas aflições, a prece não só é uma prova de confiança e de submissão à vontade de Deus, que a escuta, se for pura e desinteressada, mas ainda tem por efeito, como sabeis, estabelecer uma corrente fluídica que leva longe, no espaço, o pensamento do aflito, como o ar leva os acentos de sua voz. Este pensamento repercute nos corações simpáticos ao sofrimento e estes, por um movimento inconsciente e como atraídos por um poder magnético, dirigem-se para o lugar onde sua presença pode ser útil. Deus, que quer socorrer aquele que o implora, sem dúvida poderia fazê-lo por si mesmo, instantaneamente, mas, como eu disse, *ele não faz milagres*, e as coisas devem seguir seu curso natural; ele quer que os homens pratiquem a caridade, socorrendo-se uns aos outros. Por seus mensageiros, o lamento que encontra eco é levado até ele e lá os Espíritos bons insuflam um pensamento benévolo. Embora provocado, este pensamento deixa ao homem toda a sua liberdade, por isto mesmo que sua fonte é desconhecida; nada o constrange; ele tem, por conseguinte, todo o mérito da espontaneidade, se ceder à voz íntima que nele faz apelo ao sentimento do dever, e todo o demérito se resistir, porque dominado por uma indiferença egoísta.

P. – Há casos, como num perigo iminente, em que a assistência deve ser imediata. Como pode chegar em tempo hábil, se é preciso esperar a boa vontade de um homem, e se essa boa vontade falta subitamente por força do livre-arbítrio?

Resp. – Não deveis esquecer que os anjos-da-guarda, os Espíritos protetores, cuja missão é velar pelos que lhes são confiados, os seguem, a bem dizer, passo a passo. Não lhes podem poupar as apreensões dos perigos, que fazem parte de suas provações; mas se as conseqüências do perigo podem ser evitadas, como o previram antes, não esperam o último momento para preparar o socorro. Se, por vezes, dirigem-se aos homens de má vontade, é visando procurar despertar neles bons sentimentos, mas não contam com eles.

Quando, numa posição crítica, uma pessoa se acha, como que de propósito, para vos assistir, e exclamais que “é a

Providência que a envia”, dizeis uma verdade bem maior do que muitas vezes supondes.

Se há casos prementes, outros que o são menos exigem certo tempo para trazer um concurso de circunstâncias favoráveis, sobretudo quando é preciso que os Espíritos triunfem, pela inspiração, da apatia das pessoas cuja cooperação é necessária para o resultado a obter. Essas demoras na realização do desejo são provas para a paciência e a resignação; depois, quando chega a realização do que se desejou, é quase sempre por um encadeamento de circunstâncias tão naturais que absolutamente nada denuncia uma intervenção oculta, nada afeta a mais leve aparência de maravilhoso; as coisas parecem arranjar-se por si mesmas.

Isto deve ser assim pelo duplo motivo de que os meios de ação não se afastam das leis gerais e, em segundo lugar, que se a assistência dos Espíritos fosse muito evidente, o homem se fiaria neles e habituar-se-ia a não contar consigo mesmo. Essa assistência deve ser compreendida por ele por pensamento, pelo senso moral, e não pelos sentidos materiais; sua crença deve ser o resultado de sua fé e de sua confiança na bondade de Deus. Infelizmente, porque não viu o dedo de Deus fazer um milagre para ele, muitas vezes esquece aquele a quem deve sua salvação para glorificar o acaso.

Um Espírito protetor

O ESPIRITISMO OBRIGA

(Paris, abril de 1866 – Médiun: Sra. B...)

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral. Desde logo, os que se dizem seus adeptos não podem, sem cometer uma grave incoseqüência, subtrair-se às obrigações que ele impõe. Essas obrigações são de duas sortes:

A primeira concerne ao indivíduo que, ajudado pelas claridades intelectuais que a doutrina espalha, pode compreender

melhor o valor da cada um de seus atos, sondar melhor todos os refulgos de sua consciência, apreciar melhor a infinita bondade de Deus, *que não quer a morte do pecador, mas que se converta e viva*; e, para lhe deixar a possibilidade de erguer-se de suas quedas, deu-lhe uma longa série de existências sucessivas, em cada uma das quais, levando a pena de suas faltas passadas, pode adquirir novos conhecimentos e novas forças, fazendo-o evitar o mal e praticar o que é conforme à justiça, à caridade. Que dizer daquele que, esclarecido quanto aos seus deveres para com Deus, para com seus irmãos, permanece orgulhoso, cúvido e egoísta? Não parece que a luz o tenha enceguecido, porque não estava preparado para recebê-la? Desde então marcha nas trevas, não obstante em meio à luz; só é espírita de nome. A caridade fraterna dos que vêem realmente deve esforçar-se por curá-lo dessa cegueira intelectual; mas, para muitos dos que se lhe assemelham, será preciso a luz que o túmulo traz, porque seu coração está muito preso aos gozos materiais e seu espírito não está maduro para receber a verdade. Em uma nova encarnação eles compreenderão que os planetas inferiores como a Terra não passam de uma espécie de escola mútua, onde a alma começa a desenvolver suas faculdades, suas aptidões, para em seguida as aplicar ao estudo dos grandes princípios de ordem, de justiça, de amor e de harmonia, que regem as relações das almas entre e si, e as funções que desempenham na direção do Universo; eles sentirão que, chamada a uma tão alta dignidade, qual a de se tornar mensageira do Altíssimo, a alma humana não deve aviltar-se, degradar-se ao contato dos prazeres imundos da volúpia, das ignóbeis cobiças da avaréza, que subtrai de alguns filhos de Deus o gozo dos bens que deu a todos; compreenderão que o egoísmo, nascido do orgulho, cega a alma e a faz violar os direitos da justiça, da Humanidade, desde que gera todos os males que fazem da Terra uma estação de dores e de expiações. Instruídos pelas duras lições da adversidade, seu espírito será amadurecido pela reflexão, e seu coração, depois de ter sido massacrado pela dor, tornar-se-á bom e caridoso. É assim que o que vos parece um mal por vezes é necessário para reconduzir os endurecidos. Esses pobres

retardatários, regenerados pelo sofrimento, esclarecidos por esta luz interior, que se pode chamar o batismo do Espírito, velarão com cuidado sobre si mesmos, isto é, sobre os movimentos de seu coração e o emprego de suas faculdades, para os dirigir conforme as leis da justiça e da fraternidade. Compreenderão não apenas que eles próprios são obrigados a melhorar-se, cálculo egoísta que impede atingir o objetivo visado por Deus, mas que a segunda ordem de obrigações do espírita, decorrendo necessariamente da primeira e a completando, é a do exemplo, que é o melhor dos meios de propagação e de renovação.

Com efeito, aquele que está convencido da excelência dos princípios que lhe são ensinados, e a eles conformar a sua conduta, princípios que lhe devem proporcionar uma felicidade duradoura, não pode, se estiver verdadeiramente animado desta caridade fraterna, que está na essência mesma do Espiritismo, senão desejar que sejam compreendidos por todos os homens. Daí a obrigação moral de conformar sua conduta com sua crença e ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a Humanidade.

Vós, frágeis centelhas partidas do eterno foco do amor divino, certamente não podeis pretender uma tão vasta irradiação quanto à do Verbo de Deus encarnado na Terra, mas, na vossa esfera de ação, podeis espalhar os benefícios do bom exemplo. Podeis fazer amar a virtude, cercando-a do charme dessa benevolência constante, que atraí, cativa e mostra, enfim, que a prática do bem é coisa fácil, promove a felicidade íntima da consciência que se colocou sob sua lei, pois ela é a realização da vontade divina, que nos fez dizer por seu Cristo: *Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.*

Ora, o Espiritismo é a verdadeira aplicação dos princípios da moral ensinada por Jesus, e é apenas com o objetivo de fazê-la por todos compreendida, a fim de que, por ela, todos

progridam mais rapidamente, que Deus permite esta universal manifestação do Espírito, vindo explicar o que vos parecia obscuro e vos explicar toda a verdade. Vem, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior pelas conseqüências mesmas que resultam de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos; porque nenhuma emanção fluídica, boa ou má, escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar uma marca em algum lugar. O mundo invisível que vos cerca é para vós *esse Livro de Vida*, onde tudo se inscreve com uma incrível fidelidade, e a *balança da Justiça Divina* não é senão uma figura, a exprimir que cada um de vossos atos, de vossos sentimentos, é, de certo modo, o peso que carrega vossa alma e a impede de se elevar, ou o que traz o equilíbrio entre o bem e o mal.

Feliz aquele cujos sentimentos partem de um coração puro; espalha em seu redor como uma suave atmosfera, que faz amar a virtude e atrai os Espíritos bons; seu poder de irradiação é tanto maior quanto mais humilde for, isto é, mais desprendido das influências materiais que atraem a alma e a impedem de progredir.

As obrigações que impõe o Espiritismo são, pois, de natureza essencialmente moral; são uma conseqüência da crença; cada um é juiz e parte em sua própria causa; mas as claridades intelectuais a quem realmente quer *conhecer-se a si mesmo* e trabalhar em sua melhoria são tais que amedrontam os pusilânimes, razão por que é rejeitado por tão grande número. Outros tratam de conciliar a reforma que sua razão lhes demonstra ser uma necessidade, com as exigências da sociedade atual. Daí uma mistura heterogênea, uma falta de unidade, que faz da época atual um estado transitório. É muito difícil à vossa pobre natureza corporal despojar-se de suas imperfeições para revestir o homem novo, isto é, o homem que vive segundo os princípios de justiça e de harmonia determinados por Deus; não obstante, com esforços perseverantes lá chegareis, porque as obrigações impostas à

consciência, quando estiver suficientemente esclarecida, têm mais força do que jamais terão as leis humanas, baseadas no constrangimento de um obscurantismo religioso que não suporta o exame. Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais, também deveis ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, pois toda crença sincera é respeitável. Se vossa vida for um belo modelo, em que cada um possa encontrar bons exemplos e sólidas virtudes, onde a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, regozijai-vos, porque tereis, em parte, compreendido a que obriga o Espiritismo.

Luís de França

Allan Kardec